

Jeferson Tenório: “O que fica são essas histórias que ainda não foram contadas”

Carolina Paz Comerlatto / 22 de agosto de 2024 / Entrevistas, Uncategorized



Entrevista | Autor de *O Averso da Pele* reflete sobre paternidade, docência e formação de leitores e defende que a redenção da narrativa está nas construções de afeto

*Foto: Carlos Macedo

“Eu já não romantizo mais essa relação, mas sinto falta da sala de aula.” Para Jeferson Tenório, foi a experiência como professor que o tornou escritor. Partindo de elementos autobiográficos, o autor compõe uma narrativa que foge dos estereótipos ao se debruçar sobre educação, paternidade, relações amorosas e racismo.

“Se você caminhar na rua nesse bairro aqui, por exemplo, você não vê pessoas negras.” Nascido no Rio de Janeiro, a vivência no Rio Grande do Sul foi o que moldou a construção do romance. Em um livro com menos de 200 páginas, Tenório consegue aprofundar temáticas universais sob a perspectiva de um corpo negro em um estado composto majoritariamente por pessoas brancas.

Em entrevista ao JU, o autor de *O Averso da Pele* conta sobre seu processo criativo e reflete sobre os rumos que o livro tomou.

Na epígrafe de *O Averso da Pele*, é feita uma referência a Hamlet que antecipa a própria construção da narrativa: um filho se compreendendo a partir da morte do pai. Essa referência era clara para ti no momento da escritura do livro?

A ideia da ausência já era uma ideia que eu tinha para *O Averso da Pele*. Durante a escrita, eu ainda não sabia que o personagem iria morrer. Eu sabia que ele ia sofrer abordagens policiais, mas eu não sabia que ele ia acabar morrendo em função de uma abordagem. Ao longo da escrita, fui percebendo o que de fato aconteceu com aquilo que você gostaria que acontecesse. As vezes, você superdimensiona uma situação ou pega uma situação que é grave e tenta diminuir. É toda uma elaboração da memória. Acho que *O Averso da Pele* tem a ver com essa construção de uma memória afetiva, e acho que tem ali um elogio a essa relação paterna.

O professor é descrito como alguém que fala de Shakespeare e Ogum da mesma maneira, com referência a Oliveira Silveira. Como o papel do professor é visto para a consciência de si mesmo e do mundo?

O [professor] Oliveira é uma homenagem que eu fiz ao poeta Oliveira Silveira. É um poeta com quem não convivi, não tive proximidade, mas acabei tendo proximidade com a poesia dele, com a personalidade dele. Eu achei que era uma figura negra importante e que merecia essa reverência, essa homenagem. E aí eu coloco ele como esse professor que faz justamente essa equivalência da literatura ocidental, que seria o Shakespeare, com as culturas de matriz africana, que seria o Ogum. E era isso que eu queria tentar discutir. No livro tem vários professores. Prefiro colocar professores como protagonistas nessa história para que a gente possa pensar no trabalho do professor para além do que a gente conhece. Tentar levar o leitor para dentro da sala de aula e mostrar para ele o dia a dia desse professor. O quanto a precariedade do ensino atinge os professores diretamente. Então foi uma tentativa de mostrar esse lado de dentro, mais subjetivo e existencial. Eu defendo que um professor, quando escolhe ser professor, não escolhe só pela profissão, ele escolhe porque se apaixonou por aquela profissão e porque acredita de fato que ele pode promover mudanças. Isso é uma escolha existencial, né? Então foi isso que tentei colocar nesse personagem.

Ainda sobre essas homenagens: o livro é dedicado ao teu filho. Li em uma reportagem de quase 10 anos contigo que a melhor coisa que um pai pode deixar a um filho são boas lembranças. A ideia de escrever o livro veio um pouco disso, de deixar pro teu filho algumas coisas do teu pensamento sobre o mundo?

Acho que essa relação com a paternidade foi bastante importante para eu construir esse personagem e esse livro. Eu queria uma história que falasse sobre pais e filhos, mas não queria uma representação paterna que fosse estereotipada, aquele pai agressivo, aquele pai causador de traumas. Mas também não queria aquele pai perfeito, amoroso. Então tentei buscar o meio termo. E o Pedro, quando vai narrando a vida do pai, na verdade, não está narrando a vida do pai. Ele está narrando o pai sob a perspectiva dele. Inventa um pai que está na memória dele, que é um pouco o que a gente faz depois de adulto e olha para a infância, e olha como era a relação com os pais. A gente meio que vai inventando e vai criando memórias que confundem o que de fato aconteceu com aquilo que você gostaria que acontecesse. As vezes, você superdimensiona uma situação ou pega uma situação que é grave e tenta diminuir. É toda uma elaboração da memória. Acho que *O Averso da Pele* tem a ver com essa construção de uma memória afetiva, e acho que tem ali um elogio a essa relação paterna.

Diários foram escritos na tua adolescência. Isso é uma prática que te acompanha ainda hoje? O quanto isso foi importante para a tua escrita ficcional e para o próprio *O Averso da Pele*, que é construído à base de memórias?

Aqui estão os meus caderninhos; tenho alguns deles. Uns até da minha adolescência. Eu devo ter uns 20 cadernos espalhados por aí. É uma prática que eu ainda tenho. Hoje nem tanto. Adotei quando tinha uns 12, 13 anos e me acompanhou a vida toda. E esses diários foram importantes porque, como fui um leitor tardio – comecei a ler ficção aos 24 anos –, o meu jeito de imaginar, de inventar, de fabular é escrevendo diários. Então, para o exercício da escrita, para o exercício da imaginação, da fantasia, os diários foram muito importantes não porque eram de coisas que aconteciam comigo, mas eram também observações que eu fazia de alguma coisa que eu via na rua, de alguma coisa que me chamava a atenção, uma frase de alguém da família. Era um modo de conversar comigo mesmo. Aí, conforme o tempo foi mudando, os diários acabaram ocupando um outro espaço: o da preparação de aula, de reflexão teórica. E hoje em dia utilizo mais para fazer anotações dos livros. O romance agora que eu acabei de terminar tem três diários de reflexões sobre o que eu estava fazendo, para tentar entender de maneira mais clara.



Foto: Carlos Macedo

A relação com a cidade é muito importante também na narrativa. Conta mais sobre a tua vinda do Rio de Janeiro, tendo passado quase toda uma vida em Porto Alegre.

A cidade do Rio de Janeiro, onde eu nasci e morei até os 13 anos de idade, foi muito cruel com a nossa família. É uma cidade muito pouco acolhedora quando você não tem recursos. E a vinda para o Rio Grande do Sul, a chegada aqui, também foi muito traumática. A gente chegou no inverno, temperaturas que a gente não tinha sentido ainda e não tínhamos lugar pra morar. Foram em torno de quatro anos sem ter lugar fixo. Quando o gente conseguiu estabelecer um lugar, eu já estava perto dos 18 anos e comecei a sair sozinho. E aí que começam as abordagens policiais. Enquanto estava nesse ambiente doméstico, eu ainda não era visto como um perigo para a sociedade. Acho que se eu não tivesse vindo para cá, se não tivesse vivido tudo que vivi nesses 35 anos que morei aqui, eu não teria escrito *O Averso da Pele* como ele é. Talvez nem o teria escrito. Eu acho que tem aí uma situação bem particular: a de um corpo negro em lugar que a gente sabe que é majoritariamente de pessoas brancas. Se você caminhar na rua nesse bairro aqui, por exemplo, você não vê pessoas negras. E ao mesmo tempo eu quis construir um personagem que fosse um leitor, fosse um professor, fosse alguém que pensasse sobre as coisas, também para tentar fugir desse estereótipo da pessoa negra que não tem instrução. Então acho que ter vindo para cá, para o Rio Grande do Sul, foi importantíssimo para eu conseguir construir esse personagem.

Indo no caminho oposto ao que se ancoram as censuras que o livro vem sofrendo, qual a importância de o público jovem ter contato com os debates que a narrativa traz?

Acho que isso tem acontecido em determinados lugares, essa tentativa de silenciamento de algumas pautas, como o racismo, a violência policial, todo tipo de opressão. E a gente tem percebido nos últimos anos um recrudescimento também desse discurso conservador, desse discurso ultracensurador direitista, que não quer discutir determinadas pautas. E a retirada de livros da escola é de uma violência imensa, porque é justamente nesse espaço que você tem a possibilidade de estimular a cidadania dos alunos, estimular a consciência racial, a consciência social. É um momento em que você está formando pessoas, está formando leitores. Então causa bastante preocupação que você tenha um movimento como esse de censura justamente no espaço que é para refletir sobre isso.

E comparando esses movimentos, ao mesmo momento que está passando por essa tentativa de censura, o livro é colocado como leitura obrigatória em universidades. O que isso representa pra ti?

Acho que é uma reação importante. A história da censura no Brasil não é recente. Ela tem uma caminhada histórica. Desde o Estado Novo, com o Getúlio Vargas, a gente já tinha livros que foram censurados, queimados, inclusive, em praça pública. Depois na década de 1970 também houve uma nova onda de censura. No início dos anos 2000, o comércio também viu uma série de censuras. Se a gente for fazer um levantamento, e já tem gente pesquisando sobre livros que foram censurados no Brasil, tem muita coisa. O que aconteceu com *O Averso da Pele* me parece ser um ponto importante porque houve um outro tipo de reação. Foi uma reação coletiva. Houve também o auxílio das redes sociais, que deram uma amplidão para essa reação. E, além disso, há uma reação institucional que acho importante. Uma reação rápida, no caso da universidade federal, colocando *O Averso da Pele* como leitura obrigatória. Foi uma resposta muito contundente, rápida e certa. E não só no sentido de ser leitura obrigatória, mas também de dizer à sociedade a importância do tema, de se discutir o racismo estrutural, de se discutir a educação no Brasil. Acho, então, que todo mundo sai ganhando quando a gente tem uma reação como essa.

Outra coisa que chama atenção é o impacto da infância para a construção de ambos os personagens e da relação entre eles. O que se pode pensar sobre o papel da infância para essa construção de si e da forma de enxergar o mundo?

O Pedro, quando vai fazendo essa reconstrução, ele faz esse direcionamento ao pai. Mas é muito difícil você falar do pai sem falar da mãe. E chegar nesse entendimento também tem a ver com o que estudei no meu doutorado, que foi a paternidade nas literaturas lusófonas. Em determinado momento da minha pesquisa, comecei a me dar conta de que eu não poderia continuar falando de paternidade sem falar da maternidade. E foi aí que comecei a entender um pouco também da estrutura do meu romance. Eu precisava mostrar a arqueologia desses personagens, mostrar como esses dois personagens chegam à vida adulta “como duas pessoas quebradas”. Duas pessoas que foram maltratadas pelo racismo e que chegam em relações conjugais muito debilitadas por todos os traumas que sofreram. Mas como um teve uma determinada criação e o outro teve outra, embora sejam duas pessoas negras, são pessoas que veem o próprio racismo de maneira diferente. Então essa pluralidade também é entendimento: como é que você luta contra o racismo? Há várias formas de lutar contra o racismo. E o Pedro, sendo fruto desse casal, vai tentar se aproximar ao máximo daquilo que conseguiu conhecer do pai. E como a morte, a tragédia tem a ver com o pai, eu acabei direcionando essa narrativa mais para essa relação com o Henrique do que com a própria mãe. Mas tá ali, né? Acho que ele vai se constituindo enquanto filho. Talvez esse seja o arco do herói: se constituir como filho para depois se tornar adulto.

Antes da cena da morte, há um momento mais esperançoso em meio a uma narrativa que é um tanto desesperançosa em muitas questões. Mesmo narrando tantas tragédias, pode-se dizer que o livro tem um tom otimista?

Essa foi a grande pergunta quando eu terminei o livro. Foi quando eu me reuni com meu editor e tive uma conversa sincera com ele. Eu disse: esse livro não tem redenção nenhuma. Ele é um livro que não te oferece uma possibilidade de existência. Fiquei muito mal quando entreguei o livro e vi o que eu tinha feito. E o meu editor, o Emílio Fraia, me disse que a redenção desse professor ou os alunos dele. Foi a profissão dele. É isso que torna esperançoso. No sentido de que é possível fazer bons trabalhos, é possível você conseguir alguma coisa positiva, né? Aquela grande aula que dá sobre Dostoiévski, sobre *Crime e Castigo*. Ele se aproximando daquela turma do EJA. Essa é a grande redenção dele. O que acontece é que dentro dessa redenção você tem um sistema racista estrutural que acaba com esse sonho, com essa possibilidade de se realizar como um profissional. Então ele é um livro que tem essas ondas em cima de tragédias, alguns respiros de humor e chega nesse auge dessa grande aula que ele dá, e aí o leitor percebe: é possível, né? É possível você ter uma escola, você ter leitores. Mas vem o Estado, todo o aparato de um Estado racista e acaba com a vida dessa pessoa.

E tu acha então que essa “salvação” está nas relações humanas e nas construções de afeto?

Com certeza. Eu acho que essas relações humanas, afetivas são o que vai na verdade estimular o Henrique a continuar dando aula. Ele é esse professor que já tá há 20 anos dando aula e não aguenta mais. E não aguenta mais necessariamente a sala de aula, mas a estrutura da educação, que é muito precária, que cansa o professor, que às vezes tem que dar 40 horas de aula, 60 horas de aula. E ele tá cansado com que ele siga no seu trabalho.

É conseguindo mudar a vida dos jovens que ele se sente realizado. Essa é a tua perspectiva sobre a prática docente?

O legado que eu não faria metade das coisas que ele fez no livro. Porque ele é um personagem bastante sonhador, quixotesco. Ele acredita muito que os livros podem causar grandes mudanças. Ele é um professor muito intenso nas coisas que faz. Na minha prática de ensino, eu entrei com uma grande vontade de mudar as coisas. E, ao passar dos anos, comecei a perceber que você consegue pequenas mudanças, mas quando você olha para a estrutura, para o Estado, pro modo como o Estado vê a educação, aí você percebe que os livros não podem muita coisa, que a literatura não pode muita coisa. Sou um pouco mais cético. Já não romantizo mais essa relação, mas sinto falta da sala de aula. Dessa troca com os alunos. Costumo dizer que eu mim foi maravilhoso poder ter visto *O Averso da Pele* ganhando corpo, ganhando voz e de uma maneira tão delicada, ao mesmo tempo impactante e sofisticada. Eles conseguiram popularizar coisas tão difíceis, né? Eles colocaram *Crime e Castigo*, deram uma aula sobre Dostoiévski e puseram um funk junto. Então acho que eles conseguiram uma coisa que eu luto muito para fazer na minha produção que é tentar atrair aquele leitor que talvez nunca tenha lido um livro de literatura. E tentar aproximar essas grandes obras, como *Crime e Castigo*, de pessoas que talvez não tenham condições de ter acesso a livros como esse. E ali na peça eles conseguiram pegar justamente esse sentimento: vamos falar de Dostoiévski, mas a gente também vai falar de funk. Achei que foi genial o que eles fizeram.

O livro é um grande compilado de construções de memórias. Pelo que tu, Jeferson, gostaria de ser lembrado?

Eu escolhi fazer da minha vida duas coisas, que foi dar aulas e ser escritor. Mas se eu fosse escolher do que ser lembrado é como alguém que tentou formar mais leitores, sendo e professor ou escritor. Essa foi minha grande luta e continuou sendo minha luta cotidiana. Meu filho agora tem 14 anos, ele passa ali pela estante e já para um pouco mais de tempo. Acho que essa vida do leitor diante da estante é quando ele se torna leitor mesmo. É quando ele se torna um bibliotecário de si mesmo, um curador de si mesmo. Não sou mais eu ou o professor dizendo que ele tem que ler. É esse próprio leitor que vai atrás do seu livro.

Qual legado seria interessante que ficasse para o público jovem que está tendo contato com o livro?

O legado que eu gostaria é que esse público jovem lesse mais literatura brasileira. Acho que o que fica são essas histórias que ainda não foram contadas. As histórias do Itamar Vieira Júnior, da Conceição Evaristo, da Eliana Alves Cruz, da Ana Maria Gonçalves, Carolina Maria de Jesus. Esses autores que agora estão tendo uma repercussão, que estão chegando. Acho que *O Averso da Pele* também traz essas histórias que por muito tempo foram silenciadas. Esse é o legado. Os jovens podem ler o que quiserem, quanto mais diversidade melhor. Mas não deixem de lado a literatura brasileira e principalmente a literatura escrita por pessoas negras.

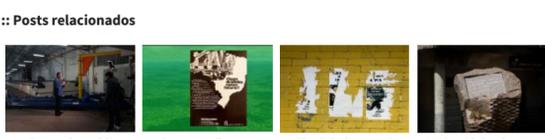
Especial Leituras Obrigatórias

Com o objetivo de ampliar as experiências de leitura, o JU produz, uma série de reportagens em que especialistas destacam aspectos e fazem análises interpretativas das obras indicadas pela Universidade. Acompanha cada texto a criação de artistas convidados que dialoga com a obra e a biografia de autoras e autores. Veja as reportagens [aqui](#).

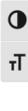
:: Leia mais

Em entrevista ao JU em 2020, Jeferson Tenório, um dos primeiros cotistas formados pela UFRGS falou sobre as manifestações anti-racistas pelo mundo e fez um paralelo entre o racismo no Brasil e nos Estados Unidos

:: Posts relacionados



:: ÚLTIMAS



[View on Instagram](#)